
A “EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO” — UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA*

Laetus Mario Veit**

Todo esforço com o qual a vida intencional do sujeito humano visa inscrever-se no mundo da natureza ou da cultura, procurando com isso um acréscimo de significação e de sentido explícito, interpretando e satisfazendo por esta inscrição transformadora suas múltiplas necessidades, é trabalho.

INTRODUÇÃO

A distinção que se faz entre “preparação” e “educação” para o trabalho parece acadêmica, mas é uma distinção real que acarreta consideráveis conseqüências para a prática. Após uma referência introdutória à lei 7.044/82, ocupar-nos-emos positivamente em introduzir no tema da “educação para o trabalho”.

“Preparação” versus Educação

O aparecimento da referência explícita à “preparação para o trabalho” nos textos prescritivos para a educação de nossa juventude soa algo estranho. Terá havido alguma vez educação que não tenha incluído a “preparação para o trabalho” como um de seus momentos? Terá o legislador desconhecido até aqui a necessária vinculação entre ambos? Ou, sem a desconhecer, quererá talvez incumbir a educação de nova tarefa? Neste caso nossa pergunta será: continuará a educação a ser educação? Será a nova disposição legal uma maneira de sujeitá-la aos interesses do trabalho ou dos que oferecem trabalho ou dos que querem

* Texto apresentado à Jornada de Estudos promovidos pela 2ª Delegacia de Educação em São Leopoldo, a 25 de setembro, e no Seminário de Reflexão das UCRES do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis, a 8 e 9 de novembro de 1984.

** Doutor pela Universidade Gregoriana, Roma, e pela Universidade de Louvain, Bélgica; Professor do Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da UFRGS.

dispor sobre a ordem do trabalho e sua força produtiva para construírem um país, moldarem um povo, inspirando-se em utopias perfeitamente discutíveis? Mas a educação não conhece outros imperativos além da afirmação da pessoa e a humanização da sociedade a serem promovidas tendo por inspiração o que de mais alto o respectivo povo possui em sua fé, em sua memória e em seus exemplos vivos.

A preparação para a vida nós a chamamos “educação”. Este conceito denota um processo tão peculiar e distinto quanto a vida humana se distingue, por excelência e dignidade, de tudo o mais. O homem todo está presente em cada ato seu. Ele é dotado de uma incomparável unidade e identidade na mais ampla diversidade de suas manifestações e na mais dilacerante dialética ao interior desta mesma identidade, em busca de sua própria imagem, de sua própria verdade na comunicação e no reconhecimento. Pois bem, o objeto próprio e último da educação é esta unidade, este núcleo dinâmico unificador da pessoa, onde somos livres, pois a liberdade é, em sentido primeiro, o objeto da educação.

O trabalho é o modo por excelência de exercer esta unidade, onde ela se exprime em um mundo e onde, mais que em qualquer outro momento, se define. É por isso que se torna objeto dos cuidados educativos.

A “preparação para o trabalho” que se leva a termo no recinto escolar do 1º e 2º graus, deve assumir as características de “educação” já pelo fato de se processar num ambiente eminentemente educativo que só perde em importância para o recinto familiar. A escola do 1º e 2º graus, sobretudo a do 1º grau, se propõe a educar um cidadão na suposição de que ele é uma pessoa, a ser introduzida na consciência dos valores do povo a que pertence, a ser instruído nos conhecimentos mediante os quais será capacitado a se orientar em seu mundo e optar pelo gênero de vida no qual querará exercer seus talentos e dar sentido a sua existência, no e pelo trabalho*. Esta educação para o trabalho inclui necessariamente, a algum momento do processo, a preparação próxima para o trabalho como a aquisição da competência técnica para uma ou outra profissão ou atividade.

É pela educação que a nova geração será introduzida no mundo do trabalho. É esta tese que queremos defender e expor, pois o universo humano do trabalho, do trabalho humano, não cabe nos limites estreitos do fazer. Prepara-se o que se pode fazer: não se pode fazer um trabalhador como se pode fazer um técnico, preparar técnicos. Educa-se o cidadão, o trabalhador, a pessoa que se auto-realiza no convívio e no trabalho. São, ademais, os três objetivos da lei.

Por que é necessário educar para o trabalho? E por que não basta preparar? A inserção da “preparação para o trabalho” no projeto abrangente da educação

* Na escola se educa o homem para ser um cidadão, um trabalhador e uma pessoa que se auto-realiza. Por aí o texto da lei reencontra uma perspectiva kantiana segundo a qual incumbe à educação uma triplíce função: a pragmática (educar o cidadão), a técnica (o trabalhador) e ética (a pessoa enquanto liberdade). E. Kant. *Réflexions sur l'éducation*. Paris, J. Vrin, 1966, p. 446.

onde será integrada e absorvida, se justifica pela relação íntima que existe entre vida e trabalho.

Educa-se o trabalhador porque se constitui como tal pelo exercício da liberdade na sociedade em geral e no mundo do trabalho em particular. Este exercício adequado e responsável da liberdade exige educação.

O mundo do trabalho

O trabalho, de um indivíduo, de um grupo maior ou menor, deve necessariamente ser compreendido como existindo numa totalidade por *virtude da qual* é real e subsiste e da qual recebe sentido. Esta totalidade nós a chamamos "*mundo do trabalho*" para frisar tanto o caráter abrangente e necessário quanto o caráter humano desta totalidade. O fruto maduro, como obra da natureza, aparece ao termo de um processo de maturação, numa planta, numa terra boa, em clima propício, em circunstâncias de tempo favoráveis e graças a um tratamento adequado. Analogamente existe o trabalho. Como o fruto aparece no universo da natureza assim o trabalho de qualquer trabalhador aparece e se insere *num mundo*, consideravelmente mais dinâmico que o da natureza, mais estranho e mais complexo.

Apesar da semelhança, sob o aspecto de totalidades abrangentes, os dois mundos apresentam consideráveis diferenças estruturais. A estrutura dinâmica da natureza é sempre determinada, em seu processo, pela situação. O mundo do trabalho também possui a sua estrutura, seu aspecto estável: a ação executora, os meios, a organização etc., mas a indeterminação e a virtualidade destes momentos estruturais se presta a infinitas ordenações diferentes, opostas, conflitantes ou complementares, por exemplo, o momento da ação transformadora e executora, que vem a ser o trabalho na sua acepção mais cotidiana, pode ser totalmente desvirtuado e negado em sua real eficácia pela hipertrofia ou pela inadequação organizacional podendo ter como resultado a injustiça, a ineficácia ou até a inviabilidade do trabalho. Ou, invertendo a situação, é possível que o trabalho dos indivíduos ou de grupos se frustre por inteiro devido a ausência de um mecanismo de organização humana ou tecnologia que torne o esforço eficaz.

O mundo do trabalho é *histórico* pois resulta da vida dos homens, existe no presente mas, tanto depende do passado quanto aberto ao futuro, um futuro que não conseguimos pensar como logicamente inscrito no presente mas, ao contrário, como um futuro a ser decidido em boa medida, o suficiente para nos sentirmos responsáveis por ele. E isto requer educação, isto é, promoção da liberdade.

O mundo do trabalho se opõe ao da natureza por sua *dialecicidade* cujo sentido é a manifestação da própria vida. Não se pode reduzir a história do mundo do trabalho à dialética da consciência, do pensamento (Hegel), mas na medida em que sabemos, e sempre se soube, da componente ética que define nossa participação possível, a dialética puramente objetiva do mundo do trabalho

(Marx?) está excluída e por isso mesmo a educação para o trabalho é uma exigência que se justifica e se impõe*. Esta dialética, da necessidade objetiva e da liberdade a que nos referimos, é apenas um aspecto da generalizada dialética na qual se desenrola a vida humana e que no mundo do trabalho se reflete e se exprime como, por exemplo, a oposição e reconciliação entre racionalidade e desejo, entre fantasia e objetividade, entre interesses conflitantes de classes sociais, entre indivíduo e sociedade, entre indivíduo e ordem tecnológica. Os momentos conflitantes que se podem reconciliar no momento superior da criatividade perfazem exatamente, todos juntos, as possibilidades da liberdade e da manifestação. Do caráter histórico e dialético resulta que não somos continuadores coagidos de um mundo que parecesse fatalmente irracional ou desumano.

Requer educação

O mundo do trabalho, portanto, difere sensivelmente do da natureza por sua historicidade, dialeticidade, por seu caráter ético. *Ele requer uma educação para os que dele participam e devem participar.*

Por que *o objeto próprio da educação é o homem enquanto tal*. Não é o homem enquanto ser pensante, não o homem enquanto ser político, ser social, ser dotado de fala etc. A educação tem por objeto próprio a integração, isto é, fazer com que todos estes momentos, o falar, o conviver social, político, ocorram como humanos.

Por essa razão toda educação é o esforço permanente de auto-interpretação do sonho humano, como um ideal de coerência, de verdade que tudo deveria imantar e fazer convergir para sua incarnação.

A educação como *resultado* será o homem liberto, numa sociedade que realiza um ideal de perfeição humana pelo convívio.

A educação enquanto *processo* é a ação segundo a qual a sociedade, um povo, se auto-interpreta na promoção e na afirmação de sua vida emergente. Por isso, a educação terá o cuidado de oferecer aos jovens as condições necessárias e propícias, através do ensino, do treino, e de todas as técnicas, ao exercício da liberdade, para a edificação do mundo verdadeiramente humano. O humano, objeto da educação é o princípio ordenador de um mundo que por isso é ou não é

(*) Aqui se nega a tese de que a educação deve por-se em harmonia com as exigências fácticas do momento como sujeição aos imperativos da racionalidade da produção, da mecânica econômica, das leis do mercado e de qualquer opinião vigente. O mundo concreto, se diz, tem sua inércia e constitui um determinismo amplo. Não obstante, a educação não é apenas o momento em que se conhecem e se reconhecem as leis que comandam os fatos e a conseqüente sintonização com as exigências dos fatos, como a única liberdade que nos resta. Educar seria apenas preparar para reconhecer a necessidade e enfrentá-la com mais inteligência. Sempre sabemos que educação importa em responsabilidade, em crítica, em discernimento, dando sentido e direção aos determinismos inevitáveis e constitutivos de toda situação humana.

humano pelas características concretas que apresenta. Aqui o debate é certamente grande sobre: como se apresenta a imagem do mundo verdadeiro. Mas isso nada impede a que saibamos identificar certos mundos como desumanos, a que possamos trabalhar na construção de um mundo mais humano. A idéia de “ser humano” é objeto de nossa permanente reflexão filosófica: a história da filosofia o atesta. Esta verdade do humano, da verdadeira sociedade humana, expressão e o resultado de sua liberdade, é o objeto da educação.

Cada trabalho que o indivíduo ou um grupo humano levar a cabo terá a marca de sua humanidade e será compreendido a partir da totalidade da qual vive e para cuja continuidade contribui. Cada trabalho pode ser portanto humano, para tanto se requer educação.

As características essenciais do ser humano, que conseqüentemente marcam o mundo humano do trabalho, serão o tema de quanto segue.

I. O UNIVERSO HUMANO

O mundo do trabalho é a totalidade a partir da qual deve ser compreendido o trabalho de todos e de cada um e a partir da qual se torna possível e real. Este mundo é sempre uma interpretação e realização histórica que na reflexão filosófica procurará sua auto-compreensão crítica e a legitimação última de sua normatividade imanente.

Teses fundamentais

Coloquemos pois desde logo o fundamento que nos parece inquestionável: o homem é um ser pessoal e individual, cujo estatuto ontológico transcende tudo quanto se possa encontrar nas coordenadas de espaço e tempo. Mas isto não importa em poder concebê-lo como um átomo social, como um indivíduo absurdamente solto no universo da natureza a quem se atribui uma autonomia tanto mais fantástica quanto contraditória e perniciosa quando inspira práticas pedagógicas e propósitos educativos. O homem, entendido como indivíduo completo em si e pensado como separado de qualquer totalidade, semelhante a uma semente que apenas aguarda a chuva para desabrochar, se encontra no extremo oposto de quanto queremos afirmar sobre este mesmo ser humano. As desfigurações teóricas não são tão inocentes e inócuas quanto podem parecer, pois inspiram processos educativos igualmente nocivos e ruinosos.

Todo nosso empenho visa indicar em forma sumária o quanto a vida, centro ativo e ordenador, é concreta, con-crescida, o quanto é o lugar onde se recolhem objetos, pessoas, formando um mundo de onde fluem impulsos e energias sobre o mundo, recriando-o sem parar, ao mesmo tempo que a própria vida se recria.

O homem é como luz

O homem enquanto sujeito e consciência, centro ativo e decisório, é semelhante à luz que ilumina o mundo, lhe dá significação, lhe descobre as virtualidades significativas em um só movimento intencional. Mas sujeito e consciência, centro ativo e intencional o homem não é sem seu corpo total, a partir do qual ele emerge como luz (De Waelhens, p. 88). A luz está a indicar um fundamento, semelhante ao sol na célebre alegoria da caverna de Platão (República, 514a — 518a). Sem este princípio não há nada de sentido, nada de perceptível e pensável. O homem está no mundo como luz. A luz no vazio total deixa tudo na mesma escuridão do sem-sentido e nem ela é luz. Um universo povoado de mundos e galáxias será como nada sem a luz. Nesta hipótese, ainda poderíamos dizer que existe o homem, que teria conhecimento deste universo sem luz. Mas muitos universos, sem o homem que os visse e os pensasse, seriam como absurdo e inexistentes como, por exemplo, são inexistentes os sons para os olhos, a luz para o tato. Um mundo existe para o ser humano como só num mundo o homem pode ter consciência e ser sujeito. O homem é desta forma como a luz originária graças à qual existe algo como um universo que se pode ver e sobre o qual se pode falar.

Estas teses subvertem totalmente o sentido de mundo, de objetividade e a consciência de nossa condição de seres responsáveis pelo mundo que soubemos instaurar e descobrir. Portanto, como sem homem não há sentido, nem consciência afirmativa, não há verdade nem erro, assim sem mundo (e numa primeira abordagem poderíamos dizer sem nosso corpo que vem a ser o ponto de junção e articulação entre consciência e mundo) o homem, seu modo de ser e aparecer, sua experiência e inquietude, não se explicam. Isso terá reflexo sobre a significação do trabalho.

É unidade dialética

O que dá a pensar é a unidade dialética destes momentos opostos: corpo, mundo e consciência, subjetividade na unidade incomparável da vida intencional, da existência, da pessoa. E qual o sentido desta vida intencional? A verdade e a experiência da verdade como tranquilidade da ordem dinâmica, como paz e reconciliação universal da vida consigo mesma.

Este núcleo que caracteriza o modo de ser essencial do homem, carece de desdobramento explicativo maior, que será o objeto de quanto segue. O objetivo acima fixado é o de desfazer uma idéia de homem como átomo social, como indivíduo dotado de uma consciência apenas interior, porque esta antropologia expõe o homem e seu trabalho, conseqüentemente a educação para o trabalho e sua ulterior preparação profissional, a graves equívocos e conseqüências certamente por ninguém desejadas.

As primeiras análises do ser-homem se defrontam com seu aspecto mais visível, mais diretamente dado como ser corpóreo fazendo parte da natureza visível. Já aqui defrontamo-nos com a evidente vinculação que mantém com a natureza abrangente pela mediação de sua corporeidade. Pelo corpo se constitui no homem um saber, uma dinâmica de que a natureza toda está provida e por cujo impulso ela assegura seu modo de ser e sua propagação. Nos animais isso se pode chamar de “programação instintiva”, na forma de um saber consciente de pouca reflexividade. Na consciência humana este saber do corpo próprio dos animais não é abolido mas assumido, conservado e transformado para integrar uma nova unidade, a vida humana e tudo quanto ela comporta. Lá onde o saber originário do animal se compõe com a vida racional e intencional, para ambos se constituírem como tais e serem a nova unidade que chamamos “vida humana”, *lá nós temos o lugar do trabalho*. Mas antes de o caracterizarmos, analisemos mais detidamente a vida humana da qual ele recebe seu real sentido.

Toda análise corre o risco de induzir em erro porque separa o que na realidade está unido. Aqui tanto mais isso é verdade quanto a vida intencional humana, da qual o trabalho é um modo, é intrinsecamente una e, não obstante, temos que falar como se fosse uma vida corporal, espiritual, racional, ética, social, de caráter político, econômico, histórico e outras determinações. Todas elas são reais mas compõem uma unidade que é o ser humano. Com esta advertência feita, detenhamo-nos algo mais na descrição analítica da vida intencional.

Unidade complexa

O homem não é um átomo social, completo em si, sem mais profundas dependências. Nele encontramos uma articulação e sintaxe extremamente complexa de ordens e isso na incomparável unidade da vida intencional em que tudo se reflete. Esta vida tem atualmente suas raízes na matéria e no espírito, no corpo social, no passado histórico, na ordem cultural. É ademais uma vida que se vive e se analisa num universo lingüístico graças ao qual ela sempre antecipa um futuro que, com o passado, compõe a dinâmica e o sentido do presente.

Não é o momento de se proceder a uma descrição completa das instâncias que compõem o ser-homem. Queremos apenas sublinhar seu caráter dialético. Isso quer dizer que o homem é em sua essência uma unidade de opostos na qual os componentes se afetam e se determinam ao mesmo tempo que são determinados pela totalidade que compõem. Temos assim reconstituído o que acima denominamos como sendo um “centro unificador que recolhe na identidade do “eu” um mundo de relações”.

Exemplifiquemos esta unidade dialética. A vida sensível e animal própria ao homem afeta e qualifica todas as outras instâncias da vida intencional. Assim sendo, a vida racional não se compreende sem referi-la ao suporte sensível, às tendências que provêm de seu corpo. A própria história da razão, das teorias

científicas, das artes, não se compreende adequadamente se desvincularmos a razão e a vida do quadro das condições materiais no qual existem. — Do mesmo modo que não se compreende o comportamento do animal-homem sem referi-lo à instância racional que afeta e determina igualmente toda sua vida sensível e instintual. Daí não ser possível transpor sem mais a psicologia animal para os comportamentos humanos e vice-versa. Esta dialética dos componentes estruturais do ser humano é rigorosamente universal, i. é, toda instância afeta as demais e o todo afeta cada uma em particular.

Parece que nos afastamos bastante de uma certa imagem de homem que deve estar fundamentando e justificando a ordem social e política que nos rege de momento e que no sistema educacional terá inconscientemente e às vezes também conscientemente o mecanismo de sua reprodução pouco crítica.

A análise da vida intencional do sujeito deve continuar, porque queremos tornar mais visível o que realmente está implicado em seu trabalho, quais as condições que o tornam possível. O conhecimento das implicações e das condições necessárias à sua possibilidade é imprescindível àquele que quer educar para o trabalho, ao que pretende colaborar na construção de um mundo humano de trabalho.

O sujeito frente à estrutura

É importante por em relevo um traço decisivo da vida intencional que irá desdobrar-se na forma de trabalho. O que queremos aqui ressaltar é a relação dialética na qual se definem tanto o sujeito humano quanto a sociedade e cultura. Nesta relação se opõem e se contradizem a subjetividade como ato e consciência e a objetividade de toda ordem; a instância estrutural que nos acolhe e nos define se contrapõe ao aspecto emergencial, não mais estrutural, que dá sentido e tem sua origem no homem livre. O trabalho ocorre todo ele nesta ordem dialética e dela recebe seu sentido e sua existência. Ele pode ser pensado em analogia com o corpo, cuja vida exprime.

O corpo humano, situado aqui e agora, é apenas um ponto que resulta de um estado de convergência e equilíbrio em que se mantém a natureza. Ele é um sistema aberto, acolhido em eco-sistemas nos quais se prolonga e dos quais por sua vez é prolongamento. Da mesma forma nossa vida particular é determinada pela vida social e vice-versa: somos a insociável sociabilidade, na formulação de Kant. Somos conflito, vida que está em meio a uma dialética generalizada (Jaspers, *Von der Wahrheit*, 902). Não reconhecer o caráter universal e social da vida, do mundo do trabalho, é tão errado quanto pretender que algo aconteça sem nossa participação ativa.

Daqui decorre o caráter especificamente humano do trabalho: ele existe na e pela estrutura social mas a sociedade vive a partir de sua raiz política, que resulta do consenso, dos conflitos e das reconciliações. O trabalho humano traz portanto as marcas do modo essencial de ser do trabalhador. Sem a natureza e a

sociedade, historicamente interpretadas na organização tecnológica e na ordenação política, não há trabalho. Ele não existe também sem as virtudes do trabalhador e sua participação pessoal. O mundo do trabalho deve pois ser analisado como fato humano, estrutural e pessoal o que define mais um aspecto de sua dialeticidade.

II. VIDA HUMANA E TRABALHO

Até aqui traçamos resumidamente o quadro teórico que nos pode guiar na tentativa de compreender a natureza do trabalho e os imperativos que daí decorrem para a preocupação educativa.

Nada deve ser tanto objeto da educação quanto encaminhar os jovens a que no trabalho criativo e fecundo meçam suas possibilidades e suas virtudes. Se há momentos e modos nos quais a vida se vive e se celebra com mais intensidade e plenitude, não há contudo nada comparável com o trabalho. É por ele que a vida, de modo continuado e cotidiano, se exerce com inexcusável autenticidade e com inigualável abrangência, razão pela qual se constitui em *lugar privilegiado para se educar o cidadão*.

O trabalho é revelador

Utilizamos acima a imagem da luz para falarmos do homem como luz natural, elemento originário e co-constitutivo da própria emergência do ser. Ao mesmo tempo o homem se vê constituído como luz pelo próprio objeto iluminado, pois luz que ilumina o nada não é luz. Esta imagem se pode estender do homem à sua ação no mundo. É assim que com toda propriedade podemos dizer que as mãos do homem iluminam o mundo e o libertam da escuridão do sem-sentido e da não existência para a beleza das formas, das transformações, das culturas, da verdade.

É auto-objetivação

O trabalho é contemporâneo ao homem. Onde há trabalho há homens. Por ele o homem interpreta o mundo, todos os domínios do mundo, e ao mesmo tempo se interpreta, se revela a si mesmo, se objetiva, i. é, inscreve na ordem do sensível seus pensamentos, suas intenções e desejos, e nesta inscrição se expõe ao outro, certificando-se, nesta relação, de si mesmo pelo reconhecimento que encontra, vendo-se assim constituído em sujeito (De Waelhens, p. 87s.).

É isso que acima designamos como sendo a constituição de um mundo no qual o homem se expõe, se propõe, se impõe, e onde desta forma se dispõe a ser eventualmente reassumido na história dos que após ele virão. Com isso o trabalho se torna o ponto essencial da relação inter-subjetiva, onde o encontro é real, onde a cooperação é a regra da fecundidade, e onde a luta é o preço que a finitude paga para se superar na síntese da conciliação transformadora, termo e sentido de todo trabalho.

O trabalho: unidade complexa

En síntese, é no trabalho que o homem se define, se objetiva em um universo sensível, onde ele se encontra com o outro e lança as bases do convívio e solidariedade, onde exerce sua liberdade como ser ético e como libertador e instaurador do sentido, onde satisfaz eficazmente as necessidades de sua existência empírica e espiritual, onde vive sua dimensão política, onde desdobra sua inteligência, exerce sua vontade e satisfaz eficazmente seus desejos. Aqui se exercem praticamente todas as dimensões humanas. Mas importa notar que a ausência de uma delas altera substancialmente o mundo do trabalho. *Exemplifiquemos*: Se o trabalho for privado da *componente "saber"* ele define na incapacidade que irá ameaçar sua própria existência. Tiremos a *componente ética* do mundo do trabalho e teremos uma sociedade entregue à truculência e à lei do mais forte sem atender às exigências do convívio, porque a eticidade consiste nisso: normar o comportamento segundo o princípio da estrita reciprocidade dos comportamentos. A falta de ética, juntamente com outros fatores, pode ter como resultado menos trabalho. — Os trabalhadores não podem pensar seus problemas e interesses como separados da *ordem política*. Não podem desinteressar-se de quanto ocorre nesta área da qual inevitavelmente sofrerão a presença e as decisões que tomarão aqueles que compartilham ou não os mesmos interesses. — Se não se entender de que o trabalho está inteiramente imerso no *contexto social*, e que resulta sempre numa ação conjunta e cooperativa, mesmo se não sempre diretamente visível, não se compreende a experiência de impotência e de frustração que muitos milhões de seres humanos tão bem conhecem: o individualismo desinteligente e o individualismo egoísta, ambos frustram, a seu modo, as intenções e os esforços do trabalho individual e social. — O fruto do trabalho *supre as necessidades*. Não se pode subtrair ao trabalhador, injustamente, o fruto do seu trabalho. Bem mais grave é o fato de lhe ser subtraído o próprio trabalho. Isto é esquecer de que o indivíduo-pessoa se afirma e procura o reconhecimento necessário à sua própria auto-estima, no trabalho. Aqui não só se desconhece a ordem do trabalho, mas a vida que no trabalho se vive e que por estas duas negações é lesada em sua raiz. O trabalho tornou-se mercadoria e a vida foi negada como vida humana. É a contradição.

A contradição existe no interior de uma totalidade complexa. O trabalho recebe da vida, enquanto totalidade, suas características próprias de fenômeno social, ético etc. como acabamos de ver.

Por estas características a vida se exprime e se realiza. Ela se define em primeiro lugar, porque de modo abrangente, pelo próprio trabalho. Mas a vida não se esgota no ato produtivo. Ela se realiza, completando seu sentido, na fruição que pode ser consumo, uso, contemplação do que o trabalho produziu. Neste ciclo que a vida cumpre, terá como realização máxima a manifestação da verdade do ser que lhe é próprio e da verdade do mundo no qual se encarna.

As contradições que vimos, como por exemplo, um mundo de trabalho alienado de sua inevitável inserção na ordem política, aparecem nesta unidade que é o mundo da vida como totalidade virtual do sentido, por cuja virtude a contradição é manifestada, como incongruência. As contradições só aparecem no horizonte de sua possível superação. Isso configura um movimento dialético ao interior da vida, do mundo humano e ao interior do mundo do trabalho inserido na dinâmica da vida em sua condição de ser-no-mundo.

Trabalhador e mundo do trabalho

O conceito de “vida”, como “ser-no-mundo”, merecerá algumas considerações adicionais. Trata-se de focar e iluminar a dialética entre trabalhador e mundo objetivo do trabalho, (um modo de se concretizar o ser-no-mundo) porque *entre ambos se insere a ação educativa*.

Já analisamos o mundo do trabalho em si e nele detectamos uma pluralidade de momentos que se opõem e se compõem numa unidade viva. A vida humana e o mundo objetivo existem numa relação dialética que possui um caráter fundador. É nesta relação que se inscrevem as relações, conflitos e sínteses que se verificam ao interior do mundo do trabalho, no qual a relação homem-mundo se particulariza .

Todo este espaço dialético é atravessado, em todos os seus momentos, pela relação sujeito-objeto, indivíduo \simeq estrutura, trabalhador-mundo do trabalho, pessoa-sociedade. Esta dicotomia tem seu *peculiar interesse na ordem pedagógica*, onde se fala em categorias de responsabilidade e liberdade. Trata-se do sujeito, princípio de ação, em oposição ao objetivo que é princípio enquanto se antecipa à ação como campo, como uma série de condições prévias, antecedentes à própria ação.

Não haveria sentido falar em relação sem atribuir aos termos da relação uma certa autonomia e consistência. Afóra disso, os dois se constituem na relação que eles mantêm. Não se trata de pensar aqui o trabalhador como o representante anônimo de uma ordem objetiva da praxis que de certa forma antecede ao indivíduo e ao ato do trabalho. Trata-se do trabalhador enquanto sujeito finito, centro responsável de iniciativas, e esta ordem objetiva e estrutural do trabalho, ordem que exprime uma prática e um saber. *O ato educativo se insere exatamente entre os dois momentos* e visa promover a síntese dialética de ambos, no trabalho. O mundo objetivo do trabalho(*) que é um espaço prático e teórico, um fazer e um

(*) O mundo objetivo do trabalho vem a ser tudo quanto já é disposição para viabilizá-lo: a ordem tecnológica, o saber técnico, o saber teórico que precede a técnica, a organização de fato das relações de trabalho, as regulamentações legais, as organizações locais e internacionais do trabalho, os valores culturais relativos aos bens que o trabalho produz e que por sua vez motivam o trabalhador. A este mundo também pertencem as interpretações religiosas, morais e filosóficas em torno do próprio trabalho que lhe conferem importância variada em tempos e em povos diferentes. É a tudo isso que remete a expressão “mundo do trabalho”.

saber virtuais, torna possível a ação do trabalhador. Esta, por sua vez, torna possível que algo como o mundo do trabalho exista.

O sujeito do trabalho

O homem é o *sujeito do trabalho*. Esta é uma afirmação que é fundamental. Aqui a polêmica é certamente mais intensa na esfera filosófica. As razões desta recusa, a de reconhecer a ação finita do trabalhador como portadora de sentido e de peso significativo, tem uma longa história que certamente contribui para superarmos as posições impossíveis de um atomismo antropológico onde até hoje provavelmente se legitimam as aberrações que caracterizam certas relações de trabalho.

Contudo o trabalhador não é sujeito suficiente e adequado de quanto faz. A vida nos institui em nossa individualidade singular ao mesmo tempo que dela nos destitui na medida em que nos faz os suportes duma vida social e objetiva. O mundo objetivo nos determina em larga escala. Mas o que nos determina não é sem mais um mundo em si (como se exercesse uma causalidade mecânica sobre nós) mas um mundo já objetivado e interpretado e através do qual estabelecemos uma comunicação inter-subjetiva e onde o sujeito individual, por sua vez, se auto-interpreta e se reconhece, resultado do trabalho. Assim, o mundo construído pelo trabalho é princípio co-determinante de nossa vida. Nem por isso o mundo da produção, das relações de produção, em resumo, o “modo de produção”, que caracteriza a ordem econômica como estrutura, é o único determinante da vida social e individual.

A ação do indivíduo, contudo, tem consistência e valor próprios, apesar de não ser ele o sujeito adequado de quanto faz. O trabalhador executa uma ação porque muitos já a haviam iniciado ou porque muitos atualmente estão cooperando. Neste instante estamos executando um trabalho, o de redigir, sobre o papel, uma análise do ato subjetivo de trabalhar. Este ato de trabalho prolonga e completa outros tantos atos de sujeitos que produziram todo instrumental de que nos servimos, produziram todo um saber que aí está, como um saber anônimo, disponível, a ser apropriado e prolongado na ação dos sujeitos que dele se servem. Todo nosso trabalho se insere também no contexto da atividade de outros tantos sujeitos que *hoje trabalham* para tornar possível nosso trabalho, nossos conhecimentos, nossas certezas e valores que possuímos através de uma sociedade que nos engendrou para a vida na comunidade humana. Cultivar a consciência da dimensão histórica e social do sujeito que trabalha é um tema *importante na educação para o trabalho*, porque se a escola abre estas perspectivas sobre o trabalho, os jovens entenderão que todo isolamento egoísta é antes de tudo infecundo e conduz à esteril não cooperação. Todos nós retomamos e continuamos um trabalho sem fim.

Os meios do trabalho

Também os meios não são exatamente os que me forjo. Nossa capacidade de trabalhar vem dos meios. Neles a experiência humana depositou sua habilidade e o sujeito é por eles constituído em seu saber e poder. Como meios do saber aí estão as bibliotecas, as obras, as teorias, os conceitos. Como meios do poder dispomos dos instrumentos simples ou complexos que dilatam enormemente nossas forças. *É preciso educar para dar acesso aos meios* que a sociedade possui, iniciar no manejo dos instrumentos, das técnicas. A educação pressupõe a distinção entre a ordem objetiva dos meios e o ato do trabalhador e a declara essencial.

Mas os instrumentos não esgotam os meios. A organização social e política e econômica são como que disposições anteriores à nossa atividade pessoal mas que muito importam porque podem favorecer ou frustrar nosso trabalho. Quando trabalhamos, nunca estamos separados dos outros que tornam nosso trabalho possível.

Os valores do trabalho

Os valores, os fins são como a alma de uma sociedade ou grupo humano porque eles ordenam os componentes, determinam os lugares, os vazios, retificam e denunciam os desvios. Apesar de serem dinâmicos e sujeitos a permanentes questionamentos, eles contudo significam um critério, um caminho para a verdade histórica na qual a vida se dá uma expressão e fisionomia.

Educar para o trabalho é promover os valores que numa sociedade o tornam possível, porque lhe conferem um sentido e o movimento propulsor. Dentre todos os valores ligados ao trabalho, o mais exigido é o da liberdade(*). O trabalho é diretamente uma ação libertadora em si mesmo, porque nele a vida acontece e se desdobra de modo único. Liberta também porque produz as condições do exercício da vida.

O fator “valor” implicado em cada trabalho, deve ser visto a partir dos dois lados da dicotomia sujeito-objeto. O valor objetivo é o que não mais se discute por ser evidente dentro de um espaço cultural a um tempo dado. Estes valores dão ao mundo que neles se inspira seu maior ou menor teor humano. A ordem objetiva de valores dá origem e suporta o trabalho, que por sua vez afeta e forma o

(*) O valor “liberdade” aqui significa apenas isso: desejo e vontade de ser, de ser verdadeiro. Se este valor se amesquinhar, nada poderá verdadeiramente motivar ao trabalho válido e árduo, de valor intrínseco e elevado, no estudo ou na lavoura, na pesquisa, na indústria ou na administração. O desejo intenso e eficaz de trabalhar é diretamente proporcional ao desejo de ser. Aqui se paga o preço por toda ordem de alienações, de asfixias, de prisões do espírito na inconsciência ou de prisões do corpo na anemia. O trabalho que não resulta do desejo da liberdade para libertar o ser potencial, mas que em boa medida é imposição da necessidade e da dominação, não pode deixar de gerar um mundo incerto e ambíguo e pouco humano.

trabalhador. Por outro lado o trabalhador não é só filho de sua cultura e de seu tempo mas, sabendo desta sua dependência e das determinações que lhe advém da ordem objetiva, é capaz de um distanciamento crítico e responsável. Será capaz de identificar num mundo dado os desvios e as insuficiências que geram ou são geradas pela injustiça.

Nesta direção encontraremos o problema imenso que representa o crescente predomínio, na ordem do trabalho, dos meios sobre os fins. O homem mais e mais está como que pressionado a se curvar a imperativos e injunções desumanos que a própria ordem por ele criada lhe impõe. O mundo, *não da natureza* estranha, mas dos produtos de *suas mãos*, como a tecnologia, as organizações industriais e comerciais, cada vez mais complexas, este mundo humano, lhe parece mais desumano que a natureza.

Disso se infere o quanto *importa identificar os valores* que um momento histórico nos impõe, quais os valores que inexistem em nosso espaço cultural. O mundo do trabalho resulta de um conjunto de convicções comuns, de certezas, de preferências; resulta de omissões e da imaginação que preside os esforços. Estas certezas e desejos que presidem à construção de uma ordem de trabalho devem ser explicitados, tornados conscientes, para submetê-los à apreciação crítica que irá eliminar ou reforçar uns e constatar a ausência de outros. Este trabalho não é nada fácil porque os valores e antivalores mais arraigados são via de regra os menos evidentes e por isso mesmo os mais atuantes. Eles pertencem à estrutura profunda da índole de um povo.

A educação é o espaço da responsabilidade onde detectamos estes condicionamentos e onde o esforço de identificação é o primeiro passo para nos libertar da inconsciência, assumi-los criticamente e participar na construção do futuro. Para tanto a educação conta sempre com o engajamento da pessoa. Afirmamos a relação dialética e complementar entre a sociedade e a pessoa na construção do mundo humano do trabalho.

Do visto ressalta o quanto o trabalho não esgota sua ação no sujeito individual. Trabalhar é estar empenhado na edificação de um mundo cuja construção começou muito antes de nós, cujos meios nos foram dados como possibilidades e cujos valores já estão inscritos nas estruturas e nos hábitos mentais, nos costumes e nas leis. Mas, frente a todo este “dado”, o homem é responsável pelo futuro que dará a este presente e passado. *Este é o lugar da educação para o trabalho.*

Resumindo, podemos sublinhar mais uma vez o quanto o trabalho é afetado por esta dialética que o mantém vinculado ao mundo objetivo que por sua vez o transcende sem o absorver.

As instâncias fundadoras

A tensão dialética em que estrutura e sujeito se defrontam e se alimentam mutuamente, recebe toda sua dimensão quando afeta as instâncias fundadoras do

próprio ato do trabalho. Este ato será o objeto de nossas últimas considerações com vistas à educação para o trabalho. (*)

O trabalho humano pode ser visto como fundado em quatro instâncias que se imbricam de modo não acidental mas essencial. Por isso mesmo nem uma das quatro subsiste sem as três outras. Juntas perfazem o que chamamos o trabalho humano seja em sua forma local, seja em seu desdobramento universal como o “mundo do trabalho”. O trabalho sempre se apresenta como, 1) o esforço persiste em transformar, 2) com saber e habilidade, 3) com ordem e sistema, o campo do mundo para satisfazer as necessidades humanas de toda ordem como a necessidade de subsistir, de usufruir, de saber e verdade, de segurança, enfim, 4) para realizar os valores que somos capazes de identificar e criar.

O trabalho

1. O primeiro momento que podemos identificar como essencial a qualquer trabalho é a ação transformadora enquanto esforço que supera a resistência da matéria, enquanto resultado de uma vontade eficaz, real e não apenas imaginada. O trabalho existe porque há no homem esta disposição ativa que se pode estabilizar como hábito, como capacidade ativa, inscrita como possibilidade nas disposições “corporais”.

Para se entender este primeiro fundamento do trabalho convém voltar às teses antropológicas que presidem toda esta reflexão. O homem não está no mundo como um espírito autônomo, nem como segregação da natureza, mas como homem, isto é, como vida intencional que vive nas mãos, nos olhos, que se experimenta no cansaço, que se alegra no movimento veloz ou ritmado. É uma vida sensível, corporal mas que como tal também participa por inteiro das aventuras do espírito em busca da verdade, tornando seu corpo cúmplice de um saber e de um poder que não é próprio da pura vida sensível nem da pura vida racional. É nesta perspectiva que o trabalho do homem pode ser compreendido. Se infere do que precede que só o homem pode trabalhar, desenvolver uma ação transformadora no mundo sensível, tornando-o capaz de satisfazer seus desejos, tornando-o significativo por suas mãos, que nestas alturas vem a ser como que o símbolo de todo esforço transformador no mundo. Por um tal esforço transformador, o homem satisfaz seu desejo imperioso de ser, de se certificar de si, de seu poder e saber. Para sublinhar o caráter humano do trabalho é esclarecedor a analogia que existe com o jogo, ou melhor, o esporte. Aqui é o prazer não só sensível mas estético e lúdico que se visa. Uma verdade se torna sensível de modo privilegiado no esporte: o homem se certifica de si através de seu corpo. Não lhe

(*) A compreensão do trabalho através das quatro instâncias e a interpretação essencial das mesmas devo a K. Jaspers (Von der Wahrheit, p. 329 ss.). Submetemo-las porém a uma transposição analógica.

bastou nunca a mera imaginação. Até a experiência religiosa ele a exprime no rito e na dança. O prazer do êxito, da habilidade, do domínio, da coordenação harmoniosa buscados por si, sem outro fim, e vividos em relação íntima e direta com o corpo, foi o que sempre atraiu os homens à prática do esporte que, ademais, se constitui em espaço ótimo para propiciar o convívio, a solidariedade e a cooperação humanas.

A experiência do esporte, e o que por ele a vida descobre, não é possível compreender através da *simples fantasia*. Igualmente a experiência do trabalho abre ao homem um novo universo. Aqui o homem *se conhece* em sua fadiga, em seu esforço, como capaz de dominar o mundo, como capaz de lhe revelar a verdade possível, como capaz de amor e solidariedade no trabalho cooperativo. Ele se sabe como capaz de ser ético. *Imaginar-se* senhor da natureza, descobridor de seus segredos, imaginar-se solidário e ético *é diferente* da experiência que no trabalho fazemos destes valores. É diferente a dignidade que nos advém pela ação transformadora na qual engajamos nossa mente e nosso corpo. Pelo trabalho, enquanto ação em que nossas mãos e nossa mente se empenham para transformarem dados de ordem sensível ou não, o homem se experimenta pessoa e ser ético pela mediação direta de sua corporeidade e empresta com isso à toda ordem corporal, à ordem material, ao trabalho “braçal”, uma eminente dignidade porque por ele se opera a encarnação do homem, isto é, seu nascimento, e seu devir continuados. Todo trabalho pois trará as marcas de um engajamento corporal, que nas mãos tem seu símbolo. Mesmo o trabalho mais teórico não deixa de ter seu aspecto de esforço disciplinado em que o corpo inteiro está engajado na produção intelectual, impondo provavelmente uma disciplina ainda mais rígida e mais sutil. Isso equivale mais uma vez a dizer que o homem não terá acesso a sua verdade e realidade possíveis se não for através do trabalho como esforço e engajamento ativo e corporal. A vida intencional é uma vida na condição mundana e por isso humana.

Por tudo quanto vimos o trabalho será objeto dos cuidados educativos. Nada educa tanto quanto o trabalho já por este seu aspecto disciplinador. Há outros aspectos que serão pedagogicamente ainda mais fecundos. Não foi por nada que os gregos exigiam dos jovens, que quisessem avançar na sabedoria, o conhecimento das matemáticas como disciplina mental e a prática de ginástica como disciplina corporal, pois para Platão a sabedoria não se reduzia a um saber teórico, condicionada como estava por uma retidão prática. O trabalho mais educativo em tempo de escola é sem dúvida o próprio estudo sério. A educação física e os esportes são ótimos meios para predispor ao trabalho.

Concluindo poderíamos dizer que: não existe trabalho sem este aspecto de esforço regrado que engaja toda nossa vida psico-somática. Para tanto se requer o concurso da educação que promove as disposições naturais e leva a vida a se descobrir no trabalho. Para o trabalho se educa e se educa também pelo trabalho.

A ciência

2. Estamos enfocando os fundamentos do trabalho. Não há trabalho sem um mínimo de saber e habilidade. Este é o segundo pressuposto. Aqui houve a mais sensível transformação histórica. O saber se transformou na ciência moderna e esta por sua vez se desdobrou em tecnologia entendida aqui como *saber prático* engendrado pela mediação da ciência. A educação para o trabalho impõe hoje facticamente um preparo sério e, segundo as situações, estudos avançados em ciências para tornar o trabalho viável ou competitivo. A ciência e a tecnologia, sendo condições imprescindíveis, devem merecer um lugar de prioridade em todo o sistema educacional que quer promover o homem através do trabalho e não apenas promover o trabalho através do homem.

A organização

3. Todo trabalho comporta, além da mediação do saber e da habilidade, a *organização*, como prolongamento de nossa mão. O trabalho consegue seus resultados usando as mãos que manipulam os diferentes materiais interferindo em sua ordem e em seu sistema, conferindo-lhes novas determinações, novas propriedades. Acontece que a mão se prolonga e se robustece no instrumento elementar, como na maquinária mais sofisticada. Aqui a tecnologia recebe seu segundo sentido, como prolongamento das mãos, dos sentidos e da própria razão que no instrumento ou na máquina abrevia e sintetiza processos. Função semelhante à ordem objetiva do laboratório, da oficina, desempenha a organização interna de uma empresa em que instrumentos, laboratórios, oficinas e equipes de pessoal técnico-administrativo perfazem a ordem instrumental. Com isso o conceito de organização se alarga e se aprofunda. Já aqui podemos facilmente inferir a importância para o trabalho de todo aspecto organizacional, desde o instrumento, até a organização do trabalho nas associações, nas organizações, nos sindicatos, na organização social, política, nas disposições legais e nas organizações internacionais do trabalho. O mundo moderno, devido a sua complexificação crescente e rápida, reconhece a importância, para todo e qualquer trabalho, deste aspecto organizacional sem o qual ele simplesmente não pode existir, pelo menos não como razoavelmente livre e protegido de possíveis arbitrariedades ou medidas que o frustrem em todos os seus intentos.

Educar para o trabalho é preparar os jovens a que se saibam pelo menos orientar nesta ordem de coisas. O aspecto organizacional não é só responsável pela proteção ao trabalhador mas dele depende, como dos outros momentos que analisamos, a própria existência e viabilidade do trabalho. Às vezes, por exemplo, uma reforma da lei sobre o uso do solo pode resultar numa reorganização da vida do campo que vem a significar mais trabalho, mais prosperidade. Isso ocorreu muitas vezes na história.

É preciso educar o trabalhador de amanhã a fim de que saiba, como cidadão responsável, atuar positivamente para um mundo do trabalho mais eficaz, mais humano e mais humanizador.

O fundamento do saber e da habilidade e o fundamento que representa a organização de diferentes ordens (técnica, social, política), estão hoje intimamente vinculados na política científica, nos planos e projetos mais ou menos abrangentes de pesquisa, no fenômeno da finalização em ciências —quando projetos políticos ou econômicos determinam as direções da pesquisa. A educação para o trabalho não pode ignorar esta realidade do mundo moderno. Devido a esta vinculação cada vez mais estreita se transferem para o campo educacional as graves questões relativas aos valores que devem nortear a ordenação da economia e da política. Com isso chegamos ao último fundamento.

A decisão e o fim

4. O último na ordem da execução sempre é o primeiro na ordem da intenção. O fim, o mundo que ordena nossa vida, polariza nossas intenções e vontades: esta é a alma de todo trabalho. O que sempre se quer quando se trabalha? O trabalho executado tem evidentemente inscrito em si mesmo um sentido, isto é, um lugar dentro de uma ordem mais abrangente. Este sentido e lugar está bastante determinado, por vezes, outras vezes indeterminado: uma bomba atômica, um estudo teórico sobre a reprodução dos sons, uma faca, são todos produtos do trabalho humano que se prestam a usos mais ou menos estabelecidos, finalidades portanto mais ou menos fixadas, e portanto mais ou menos determinantes da ação produtora.

Mas não apenas as ações particulares se inserem numa ordem de intenções e valores. O trabalhar como tal se inscreve em círculos concêntricos de sentido mais e mais abrangentes por força dos quais o trabalho de cada um se torna mais e mais concreto, con-crescido ..., em cuja concretude se reduz sua consistência, e onde se encontram as razões suficientes de sua existência.

Mas estas razões que suportam, que lhe conferem sentido propriamente humano, estão geralmente supostas, pressupostas e dificilmente enunciáveis, mas nem por isso menos eficazes e necessárias para que o homem seja capaz de trabalhar. A ausência do sentido teria o efeito de manter o homem na inação, na indeterminação. O que porém ocorre na prática é o confronto de universos de sentido conflitantes. O que estará em questão será a imagem do trabalhador, a imagem de um mundo de trabalho que estará inspirando ou deixando de inspirar políticas de trabalho, estabelecendo prioridades, canalizando recursos. A “preparação para o trabalho” deverá interrogar-se sobre que mundo será ou não será construído, porque *um mundo* inevitavelmente resultará do trabalho. Será que neste mundo o trabalhador, como pessoa, será o centro de todos os interesses? Ou, não existindo esta fé no homem, a fé na natureza, na sociedade enquanto estrutura dinâmica deverá suplantar o “valor-homem”? Com isso o

mundo do trabalho teria como meta e como critério não a pessoa mas uma ordem objetiva que garantiria a felicidade possível dos indivíduos.

Os quatro momentos que respondem pela existência do trabalho humano, formam uma unidade de tipo dialético pois recebem sentido da totalidade que compõem e das determinações internas que se conferem mutuamente, constituindo-se cada um na sua identidade pela oposição e pela síntese com os demais. — Sobre esta unidade dialética muito haveria o que dizer. Ela é extremamente rica em conseqüências práticas porque nenhum destes fundamentos do trabalho permanece em repouso, isolado do interior do mundo do trabalho que é um certo universo dinâmico, no qual os fatores integrantes são agentes determinantes. Apenas para exemplificar, lembramos o quanto o saber científico, a tecnologia, 1) modificou o fazer, o executar, como modificou o tipo de esforço exigido, 2) como afetou a ordem legal política, organizacional, as condições da própria competição no trabalho e 3) o quanto está determinando a reordenação dos valores, as prioridades, as próprias leis que regem o convívio humano. De modo idêntico os outros momentos afetam a ciência e não de determinar em última análise seu sentido e suas possibilidades reais.

Esta ordem que funda o mundo do trabalho é de natureza estrutural, isto é, independe de qualquer tipo de deliberação.

Educação pelo trabalho

Desta forma procuramos caracterizar o mundo do trabalho para tornar possível medidas mais adequadas para que se logre uma educação que não desconheça a magnitude de sua tarefa.

Convém não confundir a educação para o trabalho com a educação pelo trabalho. Na primeira ele é fim, na segunda ele é meio. Não se pode descuidar este papel mediador dos mais importantes. Na medida em que o trabalho realiza o próprio sentido da vida e a leva à sua perfeição, ele é educativo. A disciplina e o jogo, a inventividade do sujeito e a ordem que rege os fenômenos naturais e culturais, a valorização da habilidade das mãos e o talento do espírito, a teoria e a prática, a razão e a imaginação, a riqueza da intuição e a sutileza das distinções intelectuais, a concentração do espírito e a expansividade do corpo, a criatividade individual e a fecundidade da ação solidária — todos estes binômios conflitantes ou complementares encontram no trabalhoç uma síntese dialética admirável e lhe conferem um incomparável valor educativo. Os pedagogos, desde Kant, não deixaram de o reconhecer. O primeiro e mais árduo trabalho das crianças e dos jovens do 1º e 2º grau é certamente o estudo sério.

O universo humano possui no trabalho a secreta energia pela qual se afirma e se recria sem parar. O trabalho foi analisado neste estudo para tornar mais conhecido seu caráter, as condições que o tornam possível e a grandeza que lhe é própria como o lugar em que se forjam as coisas que valem e perduram.

CONCLUSÃO

Com o que precede pretendemos caracterizar a natureza do trabalho dentro do contexto da vida. Sendo a vida o que se propõe promover a educação, julgamos desta forma ter exposto os fundamentos que em última análise deverão legitimar tal educação sem reduzi-la a uma mera preparação que, enquanto instrumentaliza o jovem para o trabalho, o estaria também tolhendo em sua liberdade, porque a “preparação”, como a opuzemos à educação, deixa o ser humano indefeso ante um mundo cada vez mais dinâmico, mais complexo, exigindo uma participação esclarecida na gradual democratização das gestões empresariais. Hoje, *em qualquer trabalho*, não basta apenas saber executar tarefas. Mais e mais se exige competência de todos, discernimento, espírito solidário e cooperativo.

A educação para o trabalho visa positivamente ultrapassar os objetivos da preparação para o trabalho incluindo-a em seu projeto abrangente. O educando não pode ser antecipadamente encaminhado a certo tipo de trabalho, para não fixá-lo, antes de possuir um certo discernimento, a uma vida não propriamente escolhida. Não pode ser visada a fixação das forças trabalhadoras a suas classes de origem, sem deixar uma boa margem à livre determinação dos indivíduos. Para dar a todos as mesmas possibilidades nada melhor que a escola como primeira medida. Em seu livro, *Sociedade e Consciência*, Bárbara Freitag mostra o quanto oito anos de escolaridade desenvolvem em todas as crianças, procedentes dos mais diferentes níveis e classes, capacidades fundamentais como a competência lingüístico- expressiva, lógica e ética. Com isto se estará dando um suporte decisivo a que o indivíduo se desenvolva, se liberte para suas possibilidades na sociedade, pelo trabalho.

A educação para o trabalho visa dar possibilidades de optar a seu tempo, visa prepará-lo para enfrentar a mobilidade do mercado de trabalho que é dinâmico onde o deslocamento das oportunidades não é de todo previsível. Com isso o trabalhador está sujeito permanentemente a ter que submeter-se a novas aprendizagens, a reciclagens, a atualizações.

Com isso se evidencia mais e mais a necessidade de o trabalhador saber participar na organização do trabalho a todos os níveis, saber também da importância da vida política em que as condições gerais do trabalho serão decididas. Para tanto a educação insistirá na dimensão social e interdependente de todo e qualquer trabalho. Nós não somos provavelmente mais egoístas que outros povos, mas alguns entenderam melhor do que nós que a cooperação, o interesse pelo bem comum, são mais importantes para satisfazerem os justos desejos individuais, que um individualismo pouco inteligente.

Esta educação há de inculcar e ensinar a todos, por palavras e exemplos, de que o trabalho é o caminho obrigatório para todos quantos queiram ter acesso à dignidade humana pessoal. Por isso ele se constitui em direito universal de todo cidadão.

Estamos novamente perante uma ordenação legal para o ensino do 1º e 2º graus. O texto da lei é deliberadamente formulado em termos gerais. A lei sobre a “preparação para o trabalho” faz apelo à interpretação criativa dos mestres para tornar operacional o que se visa. Nada impede que a criatividade interpretativa se exerça num estágio prévio a esta operacionalização. Por essa razão discutimos o conceito “preparação”. Julgamos recuperar a melhor intenção do legislador introduzindo o conceito na órbita da educação, impedindo desta forma que se repitam os mesmos impasses da lei anterior. O espaço da criatividade se tornou assim o espaço da responsabilidade também.

Com isso a educação para o trabalho significa contrapor-se a uma certa fixação mental que vê no poder, no domínio, na produção e no possuir a solução para todos os males. A “preparação para o trabalho” poderia então soar como uma palavra de ordem visando atrelar o sistema educacional a estes objetivos exclusivamente. E contudo, os conflitos e desordens que lamentamos em nosso mundo se originam da desordem que afeta o mundo do trabalho, porque se desconhece o que realmente está em jogo quando o homem trabalha.

O que importa é educar toda uma nova geração para o sentido do trabalho para que ninguém mais veja nele um simples meio de acesso ao poder sobre tudo e sobre todos, mas o caminho da libertação de todos e de cada um para a visibilidade luminosa de um mundo interior e exterior, iluminado pelo trabalho de nossas mãos.

BIBLIOGRAFIA

1. BORNHEIM, G. *Dialética — teoria, práxis*. Porto Alegre, Globo, 1977.
2. DE WAELEHENS, A. *La philosophie et les expériences naturelles*. La Haye, Martinus Nijhoff, 1961.
3. FREITAG, B. *Sociedade e consciência; um estudo piagetiano na favela e na escola*. São Paulo, Cortez Editora, 1984.
4. JASPERS, K. *Von der Wahrheit*. München, Piper Vlg. 1958.
5. KANT, E. *Réflexions sur l'éducation*. Trad. A. Philonenko. Paris, J. Vrin, 1966.
6. MERLEAU-PONTY, M. *Sens et non-sens*. Paris, Les Éditions Nagel, 1966.

(Recebido para publicação em 10/10/84)